**GT 21 - Itinerários terapêuticos: vulnerabilidade(s), interseccionalidade(s) e experiências de luta pelo direito à saúde no e para além do SUS**

**No campo da Saúde Coletiva a produção de conhecimento sobre Itinerários Terapêuticos (IT) tem solicitado ampliação de suas bases epistemológicas, considerando tanto as dimensões do adoecimento crônico e das redes de cuidado, assim como outras dimensões da existência humana, a exemplo das questões de gênero, sexualidade, raça/etnia e classe. Ao refletir sobre a conjuntura brasileira política atual, e as ameaças ao SUS, demanda-se cada vez mais o fortalecimento de discussão crítica sobre os sujeitos vulnerabilizados socialmente, a partir de um viés interseccional, e de suas experiências na busca pelo cuidado integral em saúde. Aspectos como estrutura e dinâmica familiar, ciclo de vida, condições socioeconômicas e marcadores sociais da diferença, tais como gênero, sexualidade, raça, classe entre outros, constituem fatores que podem determinar o grau de dificuldade ao acesso a cuidados e sua continuação no e para além do SUS. Ações políticas urgentes são necessárias para atuar sobre as vulnerabilidades e grupos socialmente vulnerabilzados (mulheres, negrxs, LGBTI, indígenas, pessoas com deficiência entre outras) diminuindo, assim, as diferenças indesejáveis e evitáveis – iniquidades – de saúde e identificar as lutas pelo direito à saúde nos caminhos percorridos na busca de cuidado. Nesse sentido, torna-se mister analisar e discutir criticamente os itinerários para além da doença, isto é, à luz de uma concepção ampliada e positiva de saúde, cujos resultados podem subsidiar as tomadas de decisões adequadas que respondam às demandas de atenção em saúde e aos princípios e diretrizes do SUS. Cientificamente já é reconhecido que o IT compreende o complexo processo de escolha, avaliação e adesão a certas formas de cuidado ou tratamento por parte de pessoas e famílias, empreendendo trajetórias distintas nos diferentes sistemas de cuidado e tecendo redes de apoio que dão suporte nessa experiência. Considera ainda como os serviços de saúde, oficiais ou não, realizam a atenção e acolhem (ou não), em certa medida, suas necessidades e expectativas de saúde, permitindo analisar como as práticas profissionais e modelos de cuidado afetam essa experiência e trajetórias, sendo imprescindíveis à integralidade para efetividade em saúde. Diante o exposto, este GT pretende dialogar e refletir, pelo prisma teórico, metodológico e empírico, sobre a(s) vulnerabilidade(s) social(is), a interseccionalidade no cuidado e as experiências que podemos reconhecer como importantes à luta pelo direito à saúde. Assim, torna-se crucial discutir as redes sociais e sistemas de apoio ao cuidado, enfatizando suas especificidades quanto aos modos de constituição, mediação, qualidade dos vínculos e potenciais cuidados em decorrência da forma como essas redes e sistemas estão configuradas; e, por fim, tensionar práticas/noções construídas no campo da saúde sobre redes de atenção, acesso, adesão e escolhas terapêuticas, dentre outras, por meio de estudos de situações concretas de cuidado e adoecimento de pessoas e famílias no contexto do SUS brasileiro.**

 **Coordenadores:
Yeimi Alexandra Alzate López
Tatiana Engel Gerhardt
Fran Demétrio**